



PASTA DE JULGAMENTO
CARNAVAL VIRTUAL
2025



A PASTA DE JULGAMENTO

A Pasta de Julgamento é o documento oficial que apresenta o desfile para público e jurados.

A estrutura deste documento visa concentrar todas as informações essenciais para a transmissão dos desfiles e para o entendimento do que será apresentado na passarela virtual.

A pasta foi dividida nas seguintes áreas de preenchimento:

- A Escola
- Ficha técnica
- Dados da Escola
- Apresentação da Escola
- Sinopse
- Samba Enredo
- Defesa do Samba Enredo
- Roteiro do Desfile
- Setorização do Desfile
- Descrição do desfile

Preencha atentamente todos os itens que compõem este documento.

Fique atento aos itens obrigatórios indicados com (*) 

Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais

Presidente: Ewerton Fintelman de Oliveira
Vice-Presidente Administrativo: Gabriel Teixeira
Vice-Presidente Artístico: Alberto Monteiro
Vice-Presidente de Marketing: Erick Silva
Vice-Presidente Jurídico: Thiago Morganti

A ESCOLA

G.R.E.S.V. União de Niterói



FICHA TÉCNICA

A Ficha Técnica possui itens de (*) **preenchimento obrigatório**, fique atento.

Tema - Enredo * 

Quando a vida silencia, o destino toca o infinito

Carnavalesco * 

Rafaela Köhler

Enredista * 

Thiago Meiners

Outras informações

DADOS DA ESCOLA

Visando o melhor aproveitamento da transmissão do desfile da sua escola, a Diretoria da Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais pede a colaboração das senhoras e dos senhores presidentes no preenchimento dos campos da ficha de apresentação, ainda que não obrigatórios.

	Dados da Ficha Técnica
Nome Completo da Escola*	Grêmio Recreativo Escola de Samba Virtual União de Niterói
Pres. Administrativo*	André Mattos
Data de Fundação*	09/12/2006
Cores da Escola*	Vermelho e branco
Símbolo da Escola*	MAC (Museu de Arte Contemporânea) e aperto de mãos
Carnavalesco(a)(s) ou Comissão de Carnaval*	Rafaela Köhler
Intérprete(s)*	Claudio Mattos
Outros Membros da Agremiação	ENREDISTA - Thiago Meiners
Autores do Samba Enredo*	Claudio Mattos

APRESENTAÇÃO DA ESCOLA

Visando o melhor aproveitamento da transmissão do desfile da sua escola, a Diretoria da Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais pede a colaboração das senhoras e dos senhores presidentes no preenchimento dos campos da ficha de apresentação, ainda que não obrigatórios.

Apresentação da Escola

A União é uma das escolas de samba virtuais mais antigas ainda em atividade, carregando consigo uma trajetória marcada por paixão, resistência e amor ao carnaval. Em 2025, viveremos mais um ano histórico e emocionante. Retornamos ao Grupo Especial com um lindo desfile e em 2025 buscaremos, além do título, mostrar que ao redor do mundo nem todo fim é marcado por tristeza, mostraremos, também, que nem sempre a morte é o fim. Contaremos crenças e ritos de diversos povos e como eles lidam com a morte.

Algo simbólico desse carnaval é o retorno da nossa carnavalesca Rafaela, campeã do Grupo de Acesso com a União em 2023 que agora vem buscar o tão sonhado título do Grupo Especial. O compositor do samba é Claudio Mattos, renomado compositor do carnaval real. Autor de sambas de grandes escolas, acumula três títulos do Grupo Especial do carnaval carioca, um com a Viradouro, um com a Imperatriz Leopoldinense e um com a Grande Rio no histórico desfile sobre Exu. Ele que também presidiu a União de Niterói por muitos anos.

Viremos com força total, com garra e com a mesma paixão de sempre. Estamos prontos para fazer história mais uma vez e mostrar que a União vem para brigar pelo título!

É tempo de União.

Resumo do Enredo

A União de Niterói, ao escolher para o Carnaval de 2025 o enredo "Quando a Vida Silencia, o Destino Toca o Infinito", propõe uma reflexão poética e vibrante sobre um dos maiores mistérios da humanidade: a morte. Mais do que um fim, essa passagem tem sido interpretada ao longo da história por diferentes povos e culturas como um rito de transformação, um recomeço, uma celebração ou mesmo uma continuidade da existência em outros planos.

Vamos percorrer as múltiplas formas de vivenciar a morte, exaltando os rituais, as crenças e as festividades que, em cada povo, ressignificam a despedida. Do pranto à festa, do sagrado ao profano, cada civilização forja seu próprio olhar sobre a morte, revelando uma riqueza cultural que ultrapassa fronteiras e tempos.

SINOPSE

O item Sinopse possui itens de (*) **preenchimento obrigatório**, fique atento.

Sinopse do Enredo *

Há um instante em que o tempo suspira. Um silêncio toma conta do mundo, e tudo o que fomos se dissolve no vento. Mas seria mesmo um fim? Ou apenas um novo começo? Sem medo, sem tristeza. Apenas a beleza do eterno ciclo, onde cada cultura borda, à sua maneira, os mistérios do adeus. Uns dançam para acolher os que partem, outros cantam para guiar os passos na travessia. Há quem transforme a despedida em rito de luz, e quem veja na escuridão o brilho de um novo despertar. Entre luto e festa, prantos e risos, a humanidade construiu sua própria forma de abraçar o desconhecido. Não marchamos para temer, mas para celebrar. Porque, quando a vida silencia, o destino toca o infinito.

Sob o céu do infinito, as civilizações antigas ergueram seus próprios caminhos para além da vida, bordando com fé, rito e mistério o destino dos que partiam. No Egito, onde os deuses caminhavam entre os homens, a morte não era um adeus, mas uma travessia. O faraó, envolto em ouro e mistério, repousava em sua morada eterna, levando consigo amuletos, oferendas e promessas de renascimento. O Livro dos Mortos guiava sua alma pelos caminhos da escuridão, onde Anúbis pesava corações e decidia destinos. Era preciso merecer a eternidade. Mais ao norte, sob os ventos gelados da Escandinávia, os vikings encontravam na morte um brado de glória. Quem tombava em batalha não partia – ascendia. Erguia-se sobre as chamas das piras funerárias e navegava pelo oceano do desconhecido rumo ao Valhalla, onde banquetes e lutas sem fim esperavam os bravos. Para eles, morrer de espada em punho era viver para sempre. E na Grécia, a travessia se fazia pelo frio e silencioso rio Estige. Caronte, o barqueiro das sombras, exigia sua moeda, e só aqueles que a possuíam cruzavam para o além. Hades, senhor do submundo, recebia reis e plebeus, heróis e anônimos, separando-os entre campos de dor ou repouso. Para os gregos, a morte não era um esquecimento, mas um novo palco para se encontrar.

Diante do mistério da morte, a fé ergue pontes entre o finito e o eterno. Cada tradição religiosa transforma o adeus em promessa, o fim em passagem, o destino em continuidade. No Ocidente, a justiça divina dita os caminhos da alma. No Cristianismo, a morte é portal para a eternidade, onde céu e inferno aguardam conforme as ações terrenas. O Judaísmo valoriza a vida como dádiva, e o além permanece um mistério. No Islamismo, o paraíso é recompensa da fé. No Oriente, a morte não é chegada, mas ciclo. No Hinduísmo e no Budismo, a alma percorre as voltas do samsara até alcançar o despertar. No Taoísmo, vida e morte são sopros do mesmo vento, fluindo no ritmo do universo. Para os povos indígenas das Américas e da África, o laço entre vivos e mortos nunca se rompe. Os ancestrais guiam, protegem e permanecem no mundo invisível, sustentando o legado de toda existência. No México, o Día de los Muertos pinta as ruas de laranja e violeta, onde caveiras sorriem e altares iluminam memórias. Na Indonésia, os Toraja revivem os ancestrais em rituais de afeto, vestindo-os para um novo encontro. No Japão, os altares familiares mantêm os espíritos presentes. Na Índia, a cremação às margens do Ganges dissolve o corpo e liberta a alma. Em Gana, funerais ganham cores e dança, refletindo a alegria da passagem. Em Madagascar, o Famadihana faz dos ossos lembrança viva, girando em festa ao som da gratidão. Aqui, a morte não é adeus, mas continuidade. Os que partiram dançam conosco, e a saudade veste-se de festa.

A morte ainda sussurra seus mistérios. Se para alguns a vida finda no último suspiro, para outros, ela se perpetua no que deixamos para trás. Nas sociedades laicas, não há promessas de paraísos ou

renascimentos, mas a certeza de que cada história se eterniza nas memórias que cultivamos, nos afetos que nutrimos, nas marcas que imprimimos no mundo. Na arte e na cultura, a morte se torna imagem, metáfora e espetáculo. As danças macabras da Idade Média lembravam que o destino iguala reis e plebeus, enquanto o cinema e a literatura moderna exploram medos e fascínios, buscando no desconhecido um reflexo de nós mesmos. O luto, antes apenas dor, se reinventa como aprendizado. A ausência ensina, a saudade molda, e a perda se transforma em força. Porque a morte, para quem fica, não é apenas fim – é um chamado à lembrança, um convite à continuidade. E assim, a União de Niterói não se despede. Renasce. Pois a morte não é ponto final, mas um novo começo – seja na fé, na arte, na memória ou no amor. Renascemos para a glória. É tempo de União.

**Fontes de Consulta para Elaboração do Enredo
(Caso a escola julgue necessário)**

[Inserir informações aqui]

SAMBA ENREDO

O item Samba enredo possui itens de (*) **preenchimento obrigatório**, fique atento.
Na letra do samba enredo, destacar as repetições em **NEGRITO**.

Autores do Samba Enredo * 

Claudio Mattos

LETRA DO SAMBA ENREDO *

É sobrenatural, paixão pra vida inteira
Amor que o tempo não pode apagar
Que meu samba seja a luz que lhe conforte
Sou União de Niterói além da morte

Onde o vento me levar eu vou...
Onde ouvir nosso cantar estou
Se o tempo acabar, minha voz não ecoar
Pra ressoar o último bumbo do tambor
No Egito em páginas me debrucei
Entre marés fui espada eternizada
Na Grécia me reencontrei
Na fé que busquei fui além da vida
Amém, Shalom, saravá axé
E quando tudo acabar?
Seja o que Deus quiser...

África, berço de Oxalá
Sei que ao fim do caminhar
Minha alma repousa no Orum
Mil povos tentaram descrever
O que a mente deseja saber
Qual será o fim de cada um?

Lembre de mim
Com a alegria que foi nossa vida
De cada lembrança na avenida
Pra colorir nosso sorriso
Lembre de mim
Com a pureza de um simples afeto
Enxergando na luz do meus versos
Que o fim da vida não é ponto final...
Estarei pra sempre nas memórias
Pra renascer de novo em cada carnaval

DEFESA DO SAMBA ENREDO

DEFESA DO SAMBA ENREDO

ELEMENTOS DO DESFILE

O item elementos do desfile é de (*) **preenchimento obrigatório**, fique atento.

Preencha os campos que a escola possui, com a quantidade projetada para o desfile. Número de Elementos de Desfile (Alas, Carros Alegóricos, Tripés/Quadripés (Incluindo os da comissão de frente se houver, casais de Mestre e Sala e Porta Bandeira, destaques de chão e afins

ELEMENTOS DO DESFILE * 	
Alas	21 alas + Velha Guarda
Alegorias	5 alegorias
Tripés e/ou Quadripés	0
Casais de MS e PB	2 casais de Mestre Sala e Porta Bandeira
Guardiões de Casais	0
Destaques de Chão	1 destaque de chão (Rainha de Bateria)

SETORIZAÇÃO DO DESFILE

SETORIZAÇÃO

Setor 1: A Morte

Comissão de Frente: Carta 13 do Tarot

Primeiro Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira: Um vazio cheio de tudo

Velha Guarda: Os Guardiões do Tempo

Alegoria 1 (Abre-alas): Senhor Tempo

Setor 2: Civilizações e Povos Extintos

Ala 1: Sumérios - Poeira de Ereshkigal

Ala 2: Egito - Rito de Anúbis

Ala 3: Grécia – Óbolo de Caronte

Ala 4: Vikings - Morrer com glória para chegar ao Valhalla

Ala 5: Astecas - Portadores do Sol sagrado

Alegoria 2: O Colo de Pachamama

Setor 3: A Morte e as Religiões

Ala 6: Violetas na janela

Ala 7: Judaísmo - Pedras da memória

Ala 8: Egungun

Ala 9: O ciclo do samsara

Ala 10: Pedro e as chaves do céu

Alegoria 3: Entre o Pecado e a Graça

Setor 4: A Morte pelo Mundo

Destaque de chão (Rainha de Bateria): Catrina

Ala 11 (Bateria): México - Folia del Más Allá

Ala 12 (Baianas): Japão - Ritos da Primavera Japonesa

Ala 13: China Qingming holiday

Ala 14: Madagascar - Famadihana

Ala 15: Gana - Fantasy Coffins

Ala 16: No coração do Alto Xingu

Alegoria 4: Quarup

Setor 5: Urubus e Reflexões Pré e Pós Morte

Ala 17: Carpideiras Modernas - Quando o pranto é post

Segundo Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira: A Noiva e o Verme

Ala 18: Nosso Epitáfio

Ala 19: O banquete dos urubus

Ala 20: Gurufim

Ala 21: Brilho Final

Alegoria 5: A morte é um dia que vale a pena viver

DESCRIÇÃO DO DESFILE

CRIADORES DOS DESENHOS

Rafaela Köhler

SETOR 1

Setor 1: A Morte

Descrição

O primeiro setor do desfile revela a morte não como fim, mas como transição inevitável dentro do grande compasso do tempo. A comissão de frente abre caminhos com a carta do Tarot que anuncia a transformação; o casal de mestre-sala e porta-bandeira dança o vazio que precede o renascimento; e a Velha Guarda caminha como guardiã da memória e dos ciclos que se renovam. No abre-alas, o Senhor Tempo desfila soberano, lembrando que tudo nasce, vive e se desfaz sob seu comando. É o início da jornada onde morrer é, antes de tudo, continuar.

Comissão de Frente

Carta 13 do Tarot

Descrição

A comissão de frente representa a carta da Morte no Tarot, um dos arcanos mais incompreendidos e temidos. Ao contrário da ideia de um fim definitivo, essa carta simboliza transformações necessárias e o fechamento de ciclos para dar lugar ao novo. Lembrando que a morte não é um termo absoluto, mas uma transição que prepara o caminho para o renascimento e o crescimento pessoal. A foice, associada à colheita, e o esqueleto, figura central da carta, enfatizam que a morte é um processo contínuo e inevitável de transformação, que nos impulsiona para novas fases da vida.

Outra curiosidade é que a ausência de nome na carta reforça o mistério da morte e o caráter de algo que não podemos controlar, mas que devemos aceitar como parte do ciclo eterno da vida. A morte, talvez o único ciclo verdadeiramente inevitável, é mais do que o fim....

	Primeiro Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira
	Um vazio cheio de tudo
	Descrição Com uma visão poética da morte, o vazio se torna um espaço repleto de significados e possibilidades. O 'vazio cheio de tudo' representa o momento da morte: o confronto com o que se perde, mas também com o que permanece, com o que transcende e se transforma. Um lugar onde o nada é, ao mesmo tempo, a promessa de um renascimento; onde a partida é a única certeza e, simultaneamente, o início de um novo ciclo. No vazio que se abre diante de nós, habita a incerteza, mas também a plenitude do que é eterno, do que não morre.

	Velha Guarda
	Os Guardiões do Tempo
	Descrição Acompanham a marcha implacável do tempo, não como senhores, mas como observadores de sua passagem, testemunhando o movimento constante da vida. São a memória do que já foi, a continuidade do que é e a expectativa do que virá, sempre presentes, mas invisíveis, como o próprio tempo que, mesmo diante da morte, nunca cessa de se renovar.

	Alegoria 1 - Abre Alas
	Senhor Tempo
	Descrição
	Inaugurando o desfile, o tempo em sua face mais implacável: aquele que não para, não volta e não espera. Relógios de ponteiros, engrenagens em movimento e ampulhetas escorrendo seus últimos grãos dão forma a esse senhor antigo que rege a vida com precisão e mistério. Assim como fala a música, o tempo é o tambor de todos os ritmos e compositor dos destinos, sendo ele fiador dos ciclos da existência. Em sua marcha contínua, há ordem e caos, nascimento e finitude. Há um instante em que o tempo suspira, e tudo o que fomos se dissolve no vento. Nesse suspiro, o tempo revela sua natureza: molda, leva, transforma. A libélula simboliza transformação, renovação e a efemeridade dos momentos, enquanto o símbolo do infinito reforça no peito a continuidade do tempo, que nunca termina, como uma dança constante entre o finito e o eterno, o passageiro e o permanente.

	SETOR 2
	Setor 2: Ritos Antigos
	Descrição
	No segundo setor, o desfile mergulha nas memórias fundadoras da humanidade para revelar como os povos antigos entenderam a morte. Da poeira esquecida dos sumérios ao colo fecundo de Pachamama, passando pelas múmias egípcias, moedas gregas e barcos vikings em chamas, desfilam rituais que ecoam a busca por sentido no depois. Cada cultura, com seus símbolos e crenças, ensinou que morrer é também pertencer, continuar, transformar-se, e que o cuidado com os mortos é, acima de tudo, uma forma de amar os vivos

	Ala 1
	Sumérios - Poeira de Ereshkigal
	Descrição
	Para os sumérios, o além era um mundo monótono e cinzento, governado pela deusa Ereshkigal e seu marido Nergal, onde as almas ficavam em um estado de apatia, consumindo poeira e bebendo de poças de água. O ritual funerário tinha grande importância, pois, caso as almas não fossem devidamente cuidadas por seus parentes, poderiam retornar para lembrar aos vivos de seus deveres, muitas vezes como uma repreensão silenciosa por falhas no cuidado e na preservação da sepultura ou da memória do falecido.

	Ala 2
	Egito - Rito de Anúbis
	Descrição
	O rito funerário egípcio visava garantir ao falecido uma passagem segura para a vida após a morte. A múmia era elevada e submetida a uma série de rituais, incluindo purificação, unção e recitação de orações e feitiços, para que os sentidos do morto fossem restaurados e ele pudesse viver plenamente no além. Este momento também envolvia a oferta de comida e vestimentas, simbolizando a preparação do falecido para sua nova existência no mundo dos mortos. Ao ser colocada na câmara mortuária, a múmia estava pronta para enfrentar o juízo dos deuses e garantir seu lugar no além, levando consigo objetos essenciais para a continuidade de sua jornada.

	Ala 3
	Grécia – Óbolo de Caronte
	Descrição
	O óbolo de Caronte era uma moeda colocada na boca do defunto, destinada a pagar o barqueiro Caronte, responsável por conduzir as almas através do rio Estige, que separava o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Esse pagamento simbólico era essencial para garantir uma travessia segura para o além, segundo as crenças da Grécia Antiga. Considerada uma das práticas mortuárias mais importantes tanto na Grécia quanto, posteriormente, em Roma, a tradição refletia a seriedade com que se tratava o rito funerário e a crença na necessidade de um tributo para que a alma pudesse seguir sua jornada após a morte.

	Ala 4
	Vikings - Morrer com glória para chegar ao Valhalla
	Descrição
	O ritual funerário viking remonta aos costumes dos guerreiros escandinavos, que, ao falecer, eram cremados com tudo o que amavam, incluindo o barco, as armas e, em alguns casos, as esposas. O processo começava com uma grande festa, celebrando os feitos do morto, e, só então, ele era vestido com roupas elaboradas e colocado no barco, que seria incendiado, levando-o ao seu descanso eterno, rumo ao Valhalla.

	Ala 5
	Astecas - Portadores do Sol sagrado
	Descrição
	Os sacerdotes astecas eram encarregados de alimentar Huitzilopochtli, o deus-Sol, por meio de sacrifícios humanos, a fim de sustentar o equilíbrio do universo. Os trajes trazem elementos tradicionais: penas, tecidos rústicos e pedras cerimoniais. O adereço em forma de sol na cabeça simboliza a ligação direta com a divindade solar, que exigia sangue para manter o mundo em movimento. Para esses sacerdotes, ser entregue após a morte era um dever sagrado e o motor da existência — quem servia ao Sol também podia ser entregue a ele.

	Alegoria 2
	O Colo de Pachamama
	Descrição Entre os povos andinos antigos, especialmente os incas e suas civilizações antecessoras, como os tiwanaku e os wari, a veneração a Pachamama, a Mãe Terra, ocupava papel central nas práticas espirituais e funerárias. Os mortos eram cuidadosamente mumificados e colocados em posição fetal, simbolizando o retorno ao ventre da Terra. Envolto em mantos cerimoniais coloridos e acompanhados de objetos pessoais, instrumentos, alimentos e bebidas sagradas como a chicha, esses corpos recebiam oferendas que garantiriam conforto, nutrição e dignidade na travessia para o mundo espiritual. Esses rituais reforçavam a visão de Pachamama como força geradora e acolhedora, mantendo o equilíbrio entre vida, morte e renovação. As Guardiãs das oferendas de Pachamama são as mulheres, vestidas com roupas coloridas que remetem aos tradicionais trajes andinos antigos, simbolizando a vitalidade pulsante e a força imponente da Mãe Terra. Por meio dessa representação, elas veneram a Pachamama como fonte inesgotável de vida, nutrição e equilíbrio natural. A fantasia destaca o papel feminino como protetora e guardiã do delicado equilíbrio entre o mundo material e espiritual, conferindo às componentes uma presença vigorosa, imponente e sagrada, que traduz o poder ancestral da Terra e sua capacidade de renovar e sustentar todas as formas de vida.

	SETOR 3
	Setor 3: A Morte e as Religiões
	Descrição A morte, as celebrações e o pós-vida são representados sob diferentes perspectivas religiosas, que compreendem o fim da vida como passagem, transformação ou renascimento. No Espiritismo, é parte da evolução da alma em colônias espirituais; no Judaísmo, um momento de memória e conexão com a história ancestral; nas religiões de matriz africana, a continuidade da presença dos ancestrais entre os vivos; no Hinduísmo, uma transição dentro do ciclo contínuo de renascimentos; e no Cristianismo, um ponto de julgamento que conduz à salvação ou à perdição. Cada fé apresenta seus próprios ritos, símbolos e crenças para explicar o que acontece depois da vida.

	Ala 6
	Violetas na janela
	Descrição
	A morte, para o Espiritismo Kardecista, defende que o desencarne como parte natural do processo evolutivo da alma, que atravessa múltiplas existências em busca de aperfeiçoamento moral e espiritual. A fantasia do casal se baseia no livro Violetas na Janela, que apresenta, de forma sensível, a trajetória de Patrícia após a morte. Ao despertar em uma colônia espiritual, ela se depara com um ambiente de acolhimento, aprendizado e reencontros, onde a vida continua sob outra forma, mais sutil, mas igualmente real.

	Ala 7
	Judaísmo - Pedras da memória
	Descrição
	A visão judaica sobre a morte, centrada na memória, respeito e continuidade espiritual. Por meio do uso do manto azul e da Estrela de Davi, a fantasia reafirma a identidade cultural e a fé que permeia a compreensão da passagem para o mundo vindouro. A presença das pedras empilhadas simboliza a prática tradicional de preservação da memória dos mortos, ressaltando a importância de honrar e manter viva a lembrança dos que partiram. Para os judeus, a morte é vivida como um processo de conexão profunda com a espiritualidade e a perpetuação da história e da fé.

	Ala 8
	Egungun
	Descrição
	A morte, nas religiões de matriz africana, é vista como a continuidade do espírito, e os rituais dedicados aos Egungun celebram essa conexão entre os vivos e os ancestrais. Cobertos por longas vestes coloridas que ocultam completamente o corpo, os Egungun não pertencem mais ao mundo do indivíduo, mas à coletividade dos que vieram antes. Suas aparições, envoltas em mistério, são cercadas de grande respeito, pois carregam a memória, a moral e a autoridade dos que já cruzaram a fronteira da vida, simbolizando a presença constante dos ancestrais na comunidade.

	Ala 9
	O ciclo do samsara
	Descrição No hinduísmo, a morte é compreendida como uma etapa natural da jornada espiritual, marcada pela libertação da alma do corpo físico. A cremação é o principal ritual, pois se acredita que o fogo ajuda a alma a se desprender e seguir rumo a um novo ciclo de existência. Antes da cremação, o corpo passa pela “limpeza festiva”: é banhado, ungido com óleo e pasta de sândalo, vestido com boas roupas e preparado com cuidado, como se partisse para uma celebração. Esse gesto expressa respeito e leveza diante da morte. A morte, nesse contexto, não é fim, mas transição: um recomeço dentro do ciclo contínuo de renascimentos.

	Ala 10
	Pedro e as chaves do céu
	Descrição Para os católicos São Pedro, com suas chaves, tem papel fundamental como guardião das portas do Reino dos Céus, conforme as palavras de Jesus em Mateus 16:19. São Pedro recebe a autoridade de ligar e desligar, simbolizando o poder de decidir o destino das almas após a morte. Uma chave que abre as portas para uma nova existência, onde as escolhas feitas em vida determinam o destino eterno da alma.

	Alegoria 3
	Entre o Pecado e a Graça
	Descrição
	O céu ao inferno e do inferno ao céu, este carro alegórico retrata a jornada espiritual cristã em três segmentos: o Inferno, que simboliza a separação de Deus e a consequência do pecado não redimido; os Sete Pecados Capitais e as tentações, que revelam as fraquezas humanas e o conflito moral cotidiano; e o Céu, representado por anjos e luz, simbolizando a recompensa conquistada pela renúncia ao pecado, arrependimento e busca contínua pela graça divina. A composição expõe, de forma objetiva, a necessidade da renúncia e redenção para a salvação, apresentando-a como um processo consciente de escolha dentro da fé cristã. As “diabinhas” cumprem um papel fundamental: personificar as tentações que rondam a alma humana, simbolizando as armadilhas diárias que testam a força da fé e da renúncia. Afinal, se o pecado fosse feio, sem graça e assustador, pouca gente se renderia. É essa sedução que torna a escolha pela virtude ainda mais heroica e necessária.

	SETOR 4
	Setor 4: A Morte pelo Mundo
	Descrição
	Viajando pelo mundo, encontramos povos e países que dão à morte significados múltiplos e, ao mesmo tempo, singulares: celebração colorida, reencontro familiar, renovação cíclica, arte funerária, rito comunitário. Essas tradições, que transcendem qualquer marca puramente religiosa, fundem-se aos costumes locais e transformam o adeus em permanência, refletindo a enorme pluralidade cultural da humanidade diante do mistério universal do pós-vida

	Rainha de bateria
	Catrina
	Descrição A fantasia da Rainha de Bateria representa a figura de La Catrina, criada no início do século XX pelo ilustrador mexicano José Guadalupe Posada e popularizada por Diego Rivera. Originalmente concebida como uma crítica social, La Catrina era uma representação de uma dama da elite vestida como esqueleto, ironizando aqueles que negavam suas origens e buscavam parecer europeus. Com o tempo, tornou-se um dos principais símbolos do Día de los Muertos no México, expressando a ideia de que todos são iguais diante da morte. Na fantasia, essa figura ganha forma com trajes inspirados na iconografia tradicional: flores e a pintura facial que remete ao crânio.

	Ala 11 (Bateria)
	México - Folia del Más Allá
	Descrição Aqui, o som da bateria não silencia os mortos — ecoa na festa onde a morte não é lamento, mas reencontro. Inspirados nas tradicionais caveiras do Día de los Muertos, os ritmistas desfilam com trajes coloridos, flores de papel, chapéus típicos e maquiagem de caveira. A proposta visual mistura símbolos marcantes da cultura mexicana, formando um conjunto vibrante que transforma a avenida em um altar de celebração e memória.

	Ala 12 (Baianas)
	Japão - Ritos da Primavera Japonesa
	Descrição
	A fantasia da ala das baianas representa a ligação da sociedade japonesa com seus mortos, destacando o papel central dos rituais de ancestralidade, especialmente durante o festival Obon, quando os vivos homenageiam os antepassados por meio de visitas aos túmulos, oferendas e orações. Incorporando elementos dos trajes tradicionais japoneses, como o kimono e cabelos presos com ornamentos, a vestimenta remete à imagem feminina ligada à reverência e à condução dos ritos domésticos junto aos altares (butsudan), onde são feitas oferendas diárias. A presença das baianas, tradicionalmente associadas à ancestralidade, é adaptada para refletir a importância da memória e da repetição dos rituais, reforçando a permanência do falecido como parte ativa do coletivo familiar e espiritual.

	Ala 13
	China Qingming holiday
	Descrição
	O Qingming Festival, ou Dia da Varredura dos Túmulos, é um feriado tradicional chinês celebrado no início de abril. A data é marcada por visitas aos túmulos dos ancestrais, onde as famílias realizam a limpeza dos túmulos, queimam oferendas simbólicas e fazem orações. Também é comum aproveitar o período para atividades ao ar livre, como caminhadas no campo e empinar pipas, em um momento que associa respeito aos mortos com a observação da renovação da natureza na primavera. A fantasia representa essa tradição por meio do uso de trajes típicos chineses, associados ao ambiente cerimonial do Qingming. Como adereço, o componente carrega uma pipa em formato de dragão, elemento presente nas atividades realizadas durante o feriado.

	Ala 14
	Madagascar - Famadihana
	Descrição
	Famadihana, conhecido como “reviramento dos ossos”, é um ritual tradicional de Madagascar, especialmente praticado pelas comunidades merina e outras etnias da ilha. Nele, as famílias exumam os restos mortais dos seus ancestrais para limpá-los, envolvê-los em tecidos novos e realizar uma cerimônia com música, dança e celebração. Esse procedimento, realizado geralmente a cada sete anos ou conforme a tradição familiar, reforça os vínculos entre vivos e mortos, expressa respeito pelos antepassados e renova a conexão espiritual entre gerações.

	Ala 15
	Gana - Fantasy Coffins
	Descrição
	Os Fantasy Coffins de Gana são caixões artisticamente elaborados que celebram a vida do falecido, refletindo sua personalidade, profissão, paixões ou sonhos. A escolha do tema é feita de forma personalizada, muitas vezes em diálogo com a família, para criar um design que simbolize aspectos importantes da trajetória da pessoa, como um caixão em forma de peixe para pescadores ou guitarra para músicos. Os caixões não são apenas objetos funerários, mas expressões de arte e identidade para que se reflita sobre a vida, a morte e o legado deixado pelos falecidos, trazendo para a festa um espetáculo cheio de significado, cor e respeito às raízes.

	Ala 16
	No Coração do Alto Xingu
	Descrição
	Chegando em terras brasileiras o folião aparece inserido dentro de um tronco de árvore, com adornos corporais e pinturas inspiradas nas etnias xinguanas, compondo uma imagem estática e ritualizada. A proposta remete ao momento em que, segundo o mito, Mawutzinin tenta reviver os mortos por meio da transformação simbólica da madeira em corpo humano. Ao ocupar o interior do tronco, o destaque reforça a ideia de permanência entre os vivos e evoca a ancestralidade como presença concreta e ritual no espaço coletivo, conforme praticado pelas comunidades do Alto Xingu.

	Alegoria 4
	Quarup
	A alegoria representa o ritual do Quarup conforme praticado pelos povos do Alto Xingu-Brasil, com ênfase na centralidade dos troncos enfeitados que simbolizam os mortos homenageados. A cenografia destaca a disposição dos kuarup no centro da aldeia, rodeados por elementos visuais que remetem à coletividade indígena, como a maloca, o círculo de terra batida e os participantes com pinturas corporais típicas. A presença de figuras como Mawutzinin, sapos cururu e cutias remete ao mito de origem do ritual, que narra a tentativa de reviver os mortos, frustrada por uma quebra nas regras estabelecidas. O carro articula o plano mítico e o cerimonial. A fantasia que representa Mawutzinin incorpora elementos que evidenciam sua função de mediador e condutor do ritual do Quarup. Mawutzinin é uma personagem da mitologia indígena do Alto Xingu, conhecida por iniciar esse ritual ao tentar trazer os mortos de volta à vida. Segundo a lenda, ele cortou troncos de madeira (kuarup), pintou-os e, com o canto dos sapos cururu e das cutias, conduziu a transformação desses troncos em pessoas, simbolizando a renovação da vida e a conexão entre vivos e mortos durante a cerimônia. A fantasia dos destaques de composição do carro representa o sapo cururu, animal da cultura indígena do Alto Xingu associado ao ritual do Quarup, cujo canto marca o início da cerimônia e simboliza a comunicação entre os vivos e os mortos. A escolha do sapo destaca o uso de elementos naturais nos rituais indígenas e sua função no processo de passagem e renovação da comunidade.

	SETOR 5
	Setor 5: Urubus e Reflexões Pré e Pós Morte
	Descrição Por fim, o universo multifacetado da morte revela suas faces complexas, plurais, engraçadas e reflexivas. A morte é aqui encenada não apenas como fim, mas como palco de manifestações que vão do luto performático e da crítica social à celebração irreverente e à reflexão profunda sobre o sentido da vida. Nas tradições, nas danças, na literatura e mesmo diante das convicções pessoais, no fim das contas ninguém tem certeza do que acontece depois, e o que nos resta é viver bem o presente, com intensidade e presença, iluminando nossa caminhada.

	Ala 17
	Carpideiras Modernas - Quando o pranto é post
	Descrição
	A “Carpideira Virtual” é o retrato da dor encenada nos tempos modernos. Como as antigas pranteadeiras que choravam por desconhecidos em nome da tradição, ela também lamenta — mas diante de uma tela. Não precisa conhecer o falecido: o que importa é o impacto da publicação. Não vai ao enterro, mas faz questão do stories. Musa do luto performático, transforma a tragédia alheia em palco pessoal, onde o choro é substituído por filtros e curtidas. Com o celular nas mãos, ela não derrama lágrimas — ela posta. Em vez de dor genuína, emojis tristes e hashtags prontas: #luto #eternasaudades #rip. É a encarnação do paradoxo do século: choramos menos com o coração e mais com os dedos.

	Segundo Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira
	A Noiva e o Verme
	Descrição
	Neste segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira, a morte invade a literatura e ganha corpo em dois ícones que atravessam o tempo e as páginas: o verme de Machado de Assis e a noiva recusada de Gabriel García Márquez. O mestre-sala dança como o “verme elegante”, figura sarcástica e imortal, lembrando a célebre dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas.” Já a porta-bandeira é Ângela Vicario, girando entre véus e feridas, marcada pela violência simbólica de uma honra ferida, mulher cujo destino trágico denuncia o peso de papéis sociais impostos. A fantasia é ao mesmo tempo literária e política: revela que a morte, quando narrada por grandes autores, nunca é só fim: é crítica, memória e recomeço.

	Ala 18
	Nosso Epitáfio
	Descrição
	Nesta ala espirituosa, cada folião veste-se de lápide ambulante, carregando os epitáfios. Com humor e afeto, essas lápides desfilam como monumentos vivos, onde a morte é só um pretexto para exaltar a vida e rir da eternidade. Os epitáfios trazem frases de despedida que poderiam (ou deveriam) estar gravadas na história do samba cibernético. Porque aqui, o fim é apenas o começo do próximo carnaval.

	Ala 19
	O banquete dos urubus
	Descrição
	Quando a alma mal fecha os olhos, os abutres descem. Não para velar, mas para devorar. O espetáculo grotesco que se inicia logo após a morte: um teatro jurídico onde o luto cede lugar à disputa, uma balança, que já não mede direitos, mas sim conveniências. Em uma mão, o martelo que sentencia o destino dos bens; na outra, a pasta abarrotada de documentos, certidões e exigências absurdas, como se o morto fosse culpado por não ter deixado tudo em cartório. É uma crítica mordaz a uma sociedade onde a morte não encerra histórias, apenas inaugura novas disputas.

	Ala 20
	Gurufim
	Descrição
	A fantasia representa o gurufim — tradicional velório entre sambistas, especialmente no Rio de Janeiro — por meio da figura do malandro. De terno branco, ele aparece com uma bandeja na cabeça, servindo cerveja e petiscos, enquanto o corpo está encaixado em uma coroa de flores. A imagem sugere um morto que não se retira de cena, permanecendo presente no próprio velório, sem solenidade ou reverência. Na lógica do gurufim, o cortejo não é marcado pela tristeza silenciosa, mas pela exposição pública e teatralizada da despedida, com músicas, comidas e as melhores histórias do falecido. O “de cujus” torna-se personagem ativo do rito de passagem, sendo celebrado mais pela lembrança de sua presença do que pela dor de sua ausência.

	Ala 21
	Brilho Final
	Descrição
	A ideia de "ir em direção à luz" ao morrer tem raízes na simbologia universal, onde a luz representa paz, transcendência e ligação com o divino. É um símbolo presente em muitas culturas e crenças como sinal de passagem para um plano superior. Além disso, relatos de experiências de quase morte frequentemente descrevem a visão de um túnel com uma luz intensa ao fundo, reforçando a associação da luz com a transição entre a vida e o além. Aqui também vamos atrás da luz, só que essa luz se materializa em brilhos, cores e purpurina, e o carnaval é o nosso chamado luminoso.

	Alegoria 5
	A morte é um dia que vale a pena viver
	Descrição
	Em “A Morte é um Dia que Vale a Pena Viver”, a médica Ana Cláudia Quintana Arantes mostra os sentimentos silenciosos de quem está perto do fim, arrependimentos que tocam o coração. O medo de não ter vivido do jeito que queria, preso às expectativas dos outros; os sonhos não realizados, o peso de guardar sentimentos sem poder falar; o tempo perdido demais no trabalho; os amigos deixados para depois; e a felicidade que nunca foi totalmente permitida. São vidas quase vividas, histórias que ficaram no meio do caminho. Para Ana Cláudia, a morte não vem para acabar, mas para abrir os olhos. Ela lembra que a vida é curta e cada momento é importante. Cada instante é um chamado para ser verdadeiro, para mostrar o que sentimos e para cuidar das pessoas que amamos. Assim, a morte deixa de ser algo assustador e vira uma luz que mostra o caminho para viver de forma mais real, intensa e presente A fantasia inspirada nas paquitas da Xuxa é uma grande brincadeira cheia de significado, que traz à tona um sonho de infância da própria carnavalesca, um desejo não vivido que se realiza agora na passarela, revisitando o passado com leveza e afeto. Um convite para que todos abracem suas memórias e continuem sonhando, vivendo e experimentando sempre. Só se morre uma vez, mas se vive todos os dias.

